

MOVIMENTO LGBT INDÍGENA NO INSTAGRAM: NET-ATIVISMO, VISIBILIDADE E ARTICULAÇÃO

Marcelo Rodrigo da Silva

Doutor em Estudos da Mídia. Professor Adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, em Parintins (ICSEZ). Vice-líder do Grupo de Estudos Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq), prof.marcelorodrigo@email.com;

Resumo

Este artigo objetivou discutir a articulação e a visibilidade do movimento LGBT indígena brasileiro no Instagram, à luz do conceito de net-ativismo (DI FELICE, 2017; PEREIRA, 2017; MAGALHÃES, 2018). Para tanto, são adotados métodos quanti-qualitativos, bibliográficos e exploratórios. O corpus da pesquisa foi composto por dois perfis, do Coletivo Tibira (@indigenaslgbtq) e do Coletivo Caboclas (@indigenaslgbt_crateus) e 20 *hashtags*, identificados por meio da ferramenta de busca da própria plataforma, a partir dos marcadores “ameríndios”, “indígenas” e “LGBT” (e variações), até o dia 24 de fevereiro de 2021. A *hashtag* com maior número de postagens foi #indigenaslgbt, com 183 posts. Esse universo foi analisado com base nas técnicas de análise de conteúdo (LASSWELL e KAPLAN, 1979). O estudo revelou que as primeiras manifestações declaradamente de conteúdo relacionado à temática do movimento indígena LGBT no Instagram começaram a circular há pouco mais de dois anos, em janeiro de 2019 e, desde então, envolvem 546 postagens. Apesar de tenros, os perfis demonstram força e já somam mais de 26,4 mil seguidores e 309 publicações. Verificou-se, ainda, que a forma de articulação mais frutífera para alcançar visibilidade para o movimento LGBT indígena no Instagram tem sido a divulgação e realização de eventos e a criação de espaços de discussão online e ao vivo.

Palavras-chave: Movimento LGBT, Indígenas, Net-ativismo, Instagram.

Introdução

A maior parte dos povos ameríndios (LAROCHE, 1993) do Brasil está concentrada na Amazônia, habitando Terras Indígenas que possuem uma extensão de aproximadamente 5,2 milhões de quilômetros quadrados, correspondente a 61% do território nacional, conforme dados da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - Coiab (2020). São em torno de 110 milhões de hectares onde vivem 60% da população indígena do país, estimada em aproximadamente 440 mil pessoas, que falam mais de 160 línguas diferentes. Ao menos 180 povos ameríndios distintos vivem nesse território, além de grupos considerados “isolados”. Em toda a Amazônia Legal, há cerca de 114 registros da presença de indígenas que optaram por viver de forma livre e autônoma, sem contato com a sociedade em volta.

São povos que tiveram sua cosmologia dilacerada no decorrer dos séculos pela investida colonizadora, o que Franco e Silva (2020) chamam de modelo cosmo-fágico, engolidor de mundos, que prioriza mais um estilo de vida do que a própria vida. Para os autores, o termo cosmo-fagia explica um movimento de ataques às diversas cosmologias existentes em Gaia. Ataques que não são feitos apenas pelo Estado, mas por aqueles que desconsideram a diversidade e a riqueza de conhecimento cosmológico.

No seio desse modelo cosmo-fágico foram atacadas as práticas naturais e as formas de viver os hábitos sexuais dos povos ameríndios. As relações entre pessoas do mesmo sexo biológico era vista com naturalidade entre as etnias indígenas e, conforme o pesquisador Estevão Rafael Fernandes (2014), ainda que não tenham se tornado o foco de discussões antropológicas especificamente sobre o tema, estiveram presentes em relatos históricos desde o século XVI, sem que isso repercutisse em preconceito ou agressão (FERNANDES, 2014). Tomando como exemplo os Tupinambá, Torrão Filho (2000) observa que indígenas eram alvo de discriminação apenas quando não desempenhavam obrigações masculinas de caçar e guerrear, mas nunca por suas preferências sexuais.

Havia mesmo homens passivos que mantinham cabanas próprias para receberem seus parceiros e muitos possuíam “tenda pública”, recebendo outros homens

como se fossem prostitutas. Aqueles que eram ativos chegavam a vangloriar-se destas relações, considerando-as sinal de valor e valentia, embora o termo tivira ou tibira fosse, por vezes, utilizado como ofensa. Entre as mulheres, algumas adotavam os penteados e as atividades masculinas, indo com eles à guerra e à caça, além de casarem-se com outras mulheres, adquirindo toda espécie de parentesco adotivo e obrigações assumidas pelos homens em seus casamentos; eram as chamadas çacoaimbeguira. (TORRÃO FILHO, 2000, p. 222)

Abordando a heterossexualização imposta aos indígenas através das instituições, paradigmas e dogmas do colonizador, Fernandes (2014) fala sobre a necessidade de consolidação do movimento indígena LGBT como um grupo autônomo de agenda própria, que não fique mais à margem dos movimentos indígenas e LGBTQIA+. Na visão do autor, ambos os movimentos conduziram suas agendas de forma independentes e, em decorrência disso, não se consolidou uma problematização epistêmica interseccional (FERNANDES, 2014).

É necessário enfatizar que, neste estudo, foi adotada a terminologia LGBT, seguindo o raciocínio de Simões e Facchini (2009), quando adotam a formulação aprovada pela I Conferência Nacional GLBT, referindo-se a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Eventualmente, a sigla assume variantes que invertem a ordem das letras (colocando o “T” à frente do “B”), duplicam o “T” (para distinguir entre travestis e transexuais, por exemplo) ou acrescentam novas letras que remetem a outras identidades (como o “I” de “intersexual” ou o “Q” de “queer”).

[...] até 1993, o movimento aparece descrito predominantemente como MHB (movimento homossexual brasileiro); depois de 1993, como MGL (movimento de gays e lésbicas); após 1995, aparece primeiramente como um movimento GLT (gays, lésbicas e travestis) e, posteriormente, a partir de 1999, figura também como um movimento GLBT – de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, passando pelas variantes GLTB ou LGBT, a partir de hierarquizações e estratégias de visibilização dos segmentos. Em 2005, o XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros aprova o uso de GLBT, incluindo oficialmente o “B” de bissexuais à sigla utilizada pelo movimento e

convencionando que o “T” refere-se a travestis, transexuais e transgêneros. Em 2008, nova mudança ocorre a partir da Conferência Nacional GLBT: não sem alguma polêmica, aprova-se o uso da sigla LGBT para a denominação do movimento, o que se justificaria pela necessidade de aumentar a visibilidade do segmento de lésbicas. (FACCHINI, 2012, p. 140)

Ainda de acordo com a autora, enquanto boa parte dos movimentos sociais que foram mais visíveis nos anos 1980 experimentou um processo de crise, o movimento LGBT não apenas cresceu em quantidade de grupos e diversificou os formatos institucionais, como também ampliou sua visibilidade, sua rede de alianças e espaços de participação social. Para Facchini (2012), a ampliação da visibilidade social se deu, basicamente, por três fatores chave: debate público em torno de candidaturas e projetos de lei; 2) adoção da estratégia da visibilidade massiva através da organização das Paradas do Orgulho LGBT; e 3) incorporação do tema de um modo mais “positivo” pela grande mídia, seja pela inserção de personagens em novelas, seja em matérias de jornais ou revistas que incorporam LGBT como sujeitos de direitos. “A incidência política e a visibilidade massiva têm sido as principais estratégias utilizadas pelo movimento nos últimos anos” (FACCHINI, 2012, p. 139).

Como forma de resistência e manifestação contra os ataques colonizadores, articulam-se grupos de ativistas indígenas que passam a habitar o ambiente virtual e conviver com as comunidades conectadas em rede, buscando a visibilidade massiva para sua causa e operando no que é conceituado como ativismo digital. É necessário, entretanto, esclarecer a abordagem de ativismo digital que adotamos neste estudo e diferenciar os conceitos de ciberativismo (ou ativismo midiático) e net-ativismo.

O ciberativismo, conforme Di Felice (2017; 2013), está relacionado à primeira geração de ativismo midiático na Internet e aos movimentos estadunidenses, nos anos de 1990, com a intenção de difundir causas locais em escalas globais. De acordo com Magalhães (2018), essa noção estaria relacionada a uma interpretação relativamente maquínica do fenômeno, como se o peso dessa relação em rede estivesse centrado na tecnologia como ferramenta externa, separada dos demais membros.

Já o net-ativismo estaria ligado a um momento mais recente que leva em consideração a computação móvel, uso e análise de Big Data, marcado pela passagem de uma forma de conflitualidade informativa-mediática para modelos reticulares, distribuídos, autônomos e colaborativos. Conforme enfatiza Magalhães (2018), o net-ativismo passou a se articular com a maximização das possibilidades de autonomia e sustentabilidade do desenvolvimento e da criatividade. Não se opoendo à globalização, mas a partir de uma identidade cidadã global, habitante das redes digitais, que não se nega à diversidade local e cujas pautas reivindicatórias e de ação “glocal” avançam na direção do atendimento das necessidades comuns, tais como a democracia, equidade, consumo consciente, sustentabilidade, entre outras reivindicações.

Desse modo, de acordo com Pereira (2017) o net-ativismo indígena seria o encontro dos movimentos ativistas indígenas já existentes com as novas formas de ativismo digital. E nesse cenário se insere o net-ativismo indígena LGBT. De acordo com Franco (2019), um mapeamento realizado de 2013 a 2019 identificou 120 etnias que estão se conectando à internet e verificou que as línguas nativas continuam a ser usadas, no ambiente tecnológico. Experiências cosmológicas e xamânicas, por exemplo, são compartilhadas e perfis de redes digitais estão se organizando, inclusive, para práticas net-ativistas. Além disso, conforme enfatiza Pereira (2010; 2017; 2018), nas últimas décadas, os grupos ameríndios vêm passando por um complexo modo de transformação comunicativa, que envolve o aparecimento da Internet e os dispositivos de conexão.

O processo de conexão com a internet e de habitar o ambiente virtual em rede se dão predominantemente por meio dos dispositivos móveis, os aparelhos celulares. O crescimento da demanda pelas comunicações por esses dispositivos é constatado pelos dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2019) por meio da Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros de 2018, realizada pelo órgão por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - Cetic.br. Conforme os dados da pesquisa, apesar de apenas 63% dos domicílios da região Amazônica terem acesso à internet, a conexão móvel é a predominante, com 46% dos acessos.

Juntamente com o crescimento do uso dos dispositivos móveis de comunicação, crescem também as conexões via redes sociais. Conforme

o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae (2020), o Instagram é a rede social que mais cresce no mundo, contando atualmente com mais de 500 milhões de contas. Segundo os dados da entidade, a rede social criada em outubro de 2010 tem, em média, 1,5 bilhão de curtidas por dia, além de ser 15 vezes mais interativa do que o Facebook e contar com o perfil de mais de 1.400 grandes marcas.

Em vista disso, este artigo objetivou discutir a articulação e a visibilidade do movimento LGBT dos povos ameríndios do Brasil no Instagram, à luz do conceito de net-ativismo. O corpus do estudo foi construído a partir da ferramenta de busca do próprio Instagram e analisado a partir de técnicas de análise de conteúdo, conforme será explicado em profundidade mais adiante. A intenção é observar como os ativistas indígenas estão articulando o movimento LGBT na internet a partir das conexões em rede na plataforma do Instagram.

Métodos, resultados e discussões

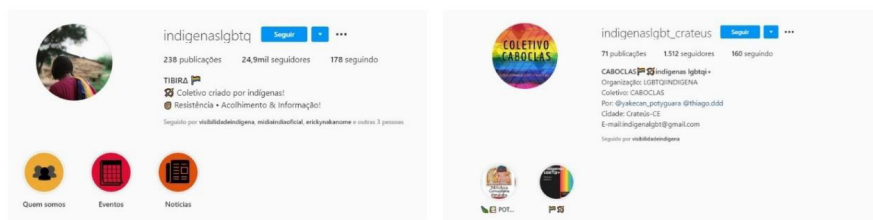
O desenvolvimento deste estudo se deu pela adoção de procedimentos metodológicos quanti-qualitativos, bibliográficos e exploratórios. Para composição do corpus da pesquisa, partiu-se da identificação dos perfis e *hashtags* brasileiros existentes no Instagram e relacionados ao tema da pesquisa. Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória utilizando-se a ferramenta de busca do próprio Instagram, a partir dos termos “ameríndios”, “indígenas”, “índios” e “LGBT” e suas variações (singular/plural e inclusão/alteração de letras).

A busca resultou na identificação de dois perfis – Coletivo Tibira (@indigenaslgbtq) e do Coletivo Caboclas (@indigenaslgbt_crateus) – e 20 *hashtags*, que estão quantificadas e listadas mais adiante, juntamente com o número de postagens às quais estão relacionadas. Ao todo, os dois perfis somaram 26,4 mil seguidores e 309 publicações. As *hashtags* identificadas estão relacionadas a 546 postagens. Os dados foram coletados em 24 de fevereiro de 2021.

O perfil @indigenaslgbtq se apresenta no Instagram como “TIBIRA: coletivo criado por indígenas! Resistência, acolhimento e informação”. O coletivo fez sua primeira postagem em 9 de maio de 2019 e, até a coleta desta pesquisa, possuía 24,9 mil seguidores e 238 publicações. Por sua vez, o perfil @indigenaslgbt_crateus se apresenta como “Caboclas: indígenas LGBTQI+; Organização: LGBTQIIndígena;

Cidade: Crateús-CE”. Realizou sua primeira postagem no dia 28 de janeiro de 2020 e possuía 1.512 seguidores e 71 publicações.

Figura 1: Mosaico com perfis do Coletivo Tibira e Coletivo Caboclas



Fonte: Instagram

Tabela 1: Lista de *hashtags* identificadas na ferramenta de pesquisa do Instagram

<i>Hashtag</i>	Quantidade de postagens
#indigenaslgbt	183
#indigenaslgbtq	149
#indigenalgbt (no singular)	72
#indigenaslgbtq (com bandeira)	67
#indigenaslgbti	19
#indígenaslgbt (com acento agudo)	13
#indígenaslgbtq (com acento agudo)	6
#indígenaslgbts (com acento agudo)	6
#indigenaslgbtqia	5
#indigenaslgbts	4
#indigenaslgbtcrateus	4
#indioslgbtq	4
#indígenaslgbtqia (com acento agudo)	3
#indígenalgbt (no singular, com acento agudo)	3
#indigenaslgbtiq	2
#indígenalgbtqi (no singular, com acento agudo)	2
#indígneaslgbti (com acento agudo)	1
#indígenaslgbtqs (com acento agudo)	1
#indigenalgbti (no singular)	1
#indioslgbt	1
Total	546

Fonte: Autor da pesquisa

A *hashtag* com maior número de menções foi #indigenaslgbt. Em vista disso, para o cumprimento da etapa qualitativa da pesquisa, as publicações com o marcador mais recorrente foram selecionadas para análise, a fim de identificar os principais objetivos de comunicação verificados nos *posts* em circulação no Instagram. Para a realização das análises, foram utilizadas as técnicas de análise de conteúdo propostas por Lasswell e Kaplan (1979).

O primeiro *post* com a *hashtag* em questão foi publicado no dia 12 de março de 2019. Contudo, é válido observar que, do total de 183 postagens identificadas até o dia 24 de fevereiro de 2021, 159 estavam visíveis na ferramenta de busca da plataforma, tendo em vista que as demais 24 foram publicadas por perfis privados e, portanto, não estavam abertas à visualização livre e não figuram nos resultados de buscas para o público aberto. Além disso, é necessário acrescentar que 33 postagens eram repetidas, ou seja, o mesmo conteúdo foi repostado por perfis diferentes de usuários.

Esse universo de 159 postagens foi subdividido em cinco categorias de análise, que serão apresentadas adiante: 1) Divulgação de eventos; 2) Manifestação de usuários particulares;

Mobilização; 4) Expressão artística e literária; 5) Divulgação de conhecimento histórico e científico. Para a sistematização das categorias, foram considerados os principais objetivos das postagens marcadas com a *hashtag* #indigenaslgbt, conforme verificado nos *cards* e em suas legendas. Utilizou-se o método de análise de conteúdo por fornecer meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação (JANIS, 1982 [1949], p. 53).

Divulgação de evento – esta categoria reuniu todas as postagens que tiveram como objetivo divulgar algum evento como *lives* e outros tipos de discussões com transmissão ao vivo, seminários, congressos, shows e espetáculos relacionados à temática dos indígenas LGBT. Ao todo, foram identificadas 40 posts com esse perfil de conteúdo.

Manifestação de usuários particulares – nesta categoria foram unificadas as postagens realizadas por usuários em seus perfis particulares. São postagens onde, comumente, os autores compartilham fotografias de si em momentos privados, relacionando os *posts* a reflexões sobre o tema do movimento LGBT e questões de gênero entre os povos ameríndios como, por exemplo, depoimentos, histórias de vida e compartilhamento de experiências próprias. Esta categoria somou 39 *posts*.

Mobilização – foram reunidas nesta categoria os *posts* que tiveram como principal objetivo de comunicação mobilizar sua audiência, seja em favor de uma ação de conscientização, de uma campanha ou de um projeto social. Ou seja, publicações que objetivaram alcançar apoio popular a uma determinada ideia ou ação específica ligada à temática LGBT entre os povos indígenas. Esta categoria reuniu 30 postagens.

Expressão artística e literária – agrupou as postagens relacionadas a diversas manifestações artísticas como desenho, pintura, ilustração, fotografia e literatura. Nesta categoria foram agrupadas 29 publicações.

Divulgação de conhecimento histórico e científico – foram agrupados nesta categoria os *posts* com objetivo de difusão de conteúdos históricos e científicos relacionados à temática dos povos ameríndios e suas relações culturais, afetivas e sexuais, conectando-as com as discussões do movimento LGBT indígena. São publicações que têm como conteúdo, além de dados documentados, matérias jornalísticas e documentários. Ao todo, foram reunidas 21 publicações nesta categoria.

Tabela 2: Categorias de análise das *posts* com hashtag #indigenaslgbt

Categoria de análise	Posts com hashtag #indigenaslgbt
Divulgação de eventos	40
Manifestação de usuários particulares	39
Mobilização	30
Expressão artística e literária	29
Divulgação de conhecimento histórico e científico	21
Total	159

Fonte: Autor da pesquisa

A partir da análise de conteúdo, percebeu-se que as postagens com objetivo de divulgar eventos foram as mais recorrentes com a *hashtag* #indigenaslgbt, de acordo com a ferramenta de busca do Instagram. Isso evidencia o perfil predominante de uso da plataforma que vem sendo desenvolvido por usuários, grupos e organizações ligadas ao movimento LGBT indígena na plataforma online.

Esse cenário sinaliza uma tendência de fortalecimento da aproximação entre os perfis conectados em rede com o fim de articulação net-ativista em busca de alcançar maior visibilidade e ampliar os

espaços para discussões e reflexões sobre o tema. Os conteúdos mais comuns foram *lives* com a transmissão ao vivo de diálogos, conversas e palestras sobre a causa LGBT entre os povos indígenas.

O segundo perfil de postagem mais recorrente, conforme as análises realizadas, foi o de usuários particulares que buscaram expressar seus pontos de vista em defesa do movimento LGBT indígena, fortalecendo o engajamento e a rede colaborativa em torno da causa. É o que poderia ser chamado de público militante, que faz uso de suas próprias redes particulares para impulsionar a rede de divulgação e visibilidade do movimento e de sua agenda de discussões.

Percebe-se, portanto, que um caminho frutífero que tem sido delineado pelos perfis e *hashtags* analisados para alcançar mais visibilidade para o movimento é a articulação com parceiros, ou seja, usuários interconectados em uma rede colaborativa que, em alguns momentos, opera em espaços comuns de discussão da temática indígena LGBT (como eventos, conversas e bate-papos online e ao vivo) e, em outros, age a partir de atuações isoladas de ativistas que fortalecem a causa de forma individualizada, provocando sua própria rede de contatos, ao mesmo tempo em que reforça o movimento por meio de links e de marcações das *hashtags*.

Algumas considerações

As análises e observações desenvolvidas com este estudo permitem tecer algumas considerações e reflexões a título de contribuição em torno do movimento LGBT indígena em si e dos processos comunicacionais desenvolvidos em seu bojo na plataforma do Instagram. Apesar de muito recentes, os perfis já alcançam expressiva mobilização, especialmente o perfil do Coletivo Tibira (@indigenaslgbtq), que possui postagens com mais de 11 mil curtidas e vídeos com mais de 7 mil visualizações.

Contudo, a atuação e visibilidade do movimento pode ser impulsionado, ainda mais, a partir de ações mais estratégicas de engajamento e promoção a partir do fortalecimento de sua rede colaborativa. Ou seja, é possível alcançar um engajamento ainda maior, se houver uma aproximação entre os perfis analisados e outros ligados a instituições de representatividade indígena e/ou LGBT mais consolidados e mais populares no Instagram. Essa rede de colaboração mútua amplia a

abrangência e o impacto das comunicações na plataforma, na medida em que otimiza a capilaridade dos conteúdos entre os usuários.

Outro ponto que poderia otimizar a articulação do movimento seria a intensificação da agenda de eventos e espaços de discussão da temática LGBT indígena, assim como a intensificação da recorrência de uso das *hashtags* associadas à causa. A visibilidade e notoriedade das ações de ativismo digital no Instagram estão diretamente ligadas ao ritmo e à frequência de publicações em que o tema é abordado ou mencionado.

Também é válido refletir sobre a diversidade de termos adotados nas marcações com *hashtags*. A multiplicidade de termos pode reduzir a força que as ações do movimento LGBT indígena alcançaria, caso fosse adotada, consensualmente, uma única terminologia. Em outras palavras, a adoção massiva de uma única sigla ou expressão (como a *hashtag* #indigenasLGBT, por exemplo) por um número cada vez maior de usuários acarretaria um impacto mais concentrado e unificado sobre o mesmo tema e, conseqüentemente, proporcionaria mais visibilidade e notoriedade com maior potencial de efeito positivo e estratégico na plataforma do Instagram para o movimento LGBT indígena.

A pesquisa evidenciou, ainda, a escassez de perfis criados para atuarem especificamente junto à causa do movimento LGBT indígena no Instagram. Os dois únicos perfis brasileiros existentes poderiam encontrar apoio e fortalecimento para o ativismo digital caso houvesse um grupo mais diversificado de organizações e instituições articuladas e orquestradas em busca de um objetivo comum de mobilização social em defesa da causa LGBT indígena.

Longe de intencionar esgotar a temática, este artigo pretende estimular as investigações científicas em torno do movimento LGBT indígena no Instagram e nas diversas plataformas online que são criadas e se expandem a cada geração. Assim como é recente a articulação do ativismo digital relacionado a essa causa na plataforma em questão, são recentes e promissões os estudos que pretendem se debruçar sobre os indícios e sintomas de suas manifestações. Sempre interessa à Comunicação Social investigar e compreender movimentos como este que, apesar de terem suas raízes recentes no Instagram, reivindicam o que há séculos lhes foi tomado: o respeito, o respaldo e a representatividade que lhes assegurem novamente viver e ser com naturalidade aquilo que se é.

Referências

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2018**. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2019. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 20 Out. 2020.

COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA – COIAB. **Quem somos**. Disponível em: <https://coiab.org.br/quemsomos>. Acesso em: 20. Out. 2020.

DI FELICE, Massimo. **Ser redes**: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. Revista Matrizes. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 49–71. 2013.

FACCHINI, R. **Entre compassos e descompassos**: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 3, n. 04, 27 nov. 2012.

FERNANDES, Estevão R. **Homossexualidade Indígena no Brasil**: Desafios de uma pesquisa. Novos Debates – Fórum de Debates em Antropologia. V. 1, p. 26-33, 2014.

FERNANDES, Estevão R. **Homossexualidade indígena no Brasil**: Um roteiro histórico-bibliográfico. ACENO, v. 3, N. 5. P. 14-38. 2016.

FERNANDES, Estevão R. **Ser índio e ser gay**: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil. Etnográfica, v. 21, 2017.

FRANCO, Thiago Cardoso. **Ameríndios Conectados**: As formas comunicativas de habitar e narrar o mundo, de acordo com as imagens dos modernos e dos Krahô. Tese de doutorado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP): São Paulo, 2019.

FRANCO, Thiago Cardoso. SILVA, Marcelo Rodrigo da. **Cosmofagia e net-ativismo indígena brasileiro, durante a pandemia da Covid-19**.

In: Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación. Equador: CIESPAL. n. 145, dez. 2020 – mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indígenas**. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>. Acesso em: 19 Out. 2020.

JANIS, Irving Lester. 1982 [1949]. **O problema da validação da análise de conteúdo**. In: LASSWELL, Harold; KAPLAN, Abraham. (org.) A linguagem da política. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1979.

LAROCHE, Maximilien. **Dialectique de l’Americanisation**. Quebec: Université Laval/Grelca, 1993.

MAGALHÃES, Marina. **Net-Ativismo**: protestos e subversões nas redes sociais digitais. Lisboa: ICNova, 2018.

PEREIRA, Eliete. **A ecologia digital da participação indígena brasileira**. Lumina, v. 12, n. 3, p. 93-112, 30 dez. 2018.

PEREIRA, Eliete. **Mídias Nativas**: a comunicação audiovisual indígena: o caso do projeto Vídeo nas Aldeias, Revista Ciberlegenda, n. 23, 2010.

PEREIRA, Eliete. Net-ativismo indígena brasileiro: notas sobre a atuação comunicativa indígena nas redes digitais In.: PEREIRA, E. S. DI FELICE, M.; PEREIRA, E. S. (Orgs.). **Redes e ecologias comunicativas indígenas**: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

SCHWARTZ, Edward. **Net Activism**: How Citizens Use the Internet. O’Reilly Media, 1996.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Instagram para empresas**: 10 dicas para promover seu negócio. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/al/artigos/10-dicas-para-promover-o-seu-negocio-no-instagram,e11da-535c0597510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 19 Out. 2020.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris**: Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Tríades galantes, fachonos militantes**: homossexuais que fizeram história. S. Paulo: Summus, 2000.